

O reconhecimento do patrimônio cultural do quilombo de Nazaré-CE através da análise da paisagem

Santos, Marlene Pereira dos ¹

Cunha Junior, Henrique ²

RESUMO

Quilombos são comunidades rurais e urbanas tradicionais de população negra. Os registros dos patrimônios culturais desses, são importantes para a identidade dos mesmos e para o reconhecimento oficial das comunidades pelo INCRA, ato que permite o processo de legalização das terras. A principal finalidade deste artigo é o reconhecimento do patrimônio cultural do Quilombo de Nazaré através da análise da paisagem, para tanto utilizamo-nos de percursos realizados pelo território do referido quilombo e de registros fotográficos. A fotografia foi utilizada como registro do patrimônio identificado ao longo do percurso pelo território. O acervo fotográfico recolhido durante o percurso contradiz os discursos eurocêntricos de pós-modernidade sobre a globalização e sobre as supostas perdas de identidade e marca a existência de uma história tanto pelas construções como pelo sentido interpretativo dado à paisagem.

Palavras-chaves: quilombo; identidade cultural; percurso quilombola; patrimônio cultural; fotografia em quilombos.

Recognition of the cultural heritage of quilombo de Nazaré-CE through landscape analysis

ABSTRACT

Quilombos are traditional rural and urban communities of black population. Records of their cultural heritage are important for their identity and for the official recognition of the communities by INCRA, an act that allows the process of legalizing the lands. The main purpose of this article is to recognize the cultural heritage of Quilombo de Nazaré through analysis of the landscape. To this end, we used routes taken through the territory of the quilombo and photographic records. The photographs were used to record the heritage identified along the route through the territory. The photographic collection

¹ Instituto Synintagma. Professora do Instituto Synintagma. Doutora em Educação. Pesquisadora e professora de cultura, artes e estéticas da negritude. Email: marpdosantos@alu.ufc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0076431009890515>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3428-3048>.

² Universidade Federal do Ceará. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Email: hcunha@ufc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3168771550890062>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9664-5545>.

collected during the route contradicts the Eurocentric discourses of postmodernity about globalization and the supposed loss of identity and marks the existence of a history both through the constructions and the interpretative meaning given to the landscape.

Keywords: marrons; cultural identity; observation walk; photography of marrons area.

Reconocimiento del patrimonio cultural del quilombo de Nazaré-CE a través del análisis del paisaje

RESUMEN

Los quilombos son comunidades rurales y urbanas tradicionales de población negra. Los registros de su patrimonio cultural son importantes para su identidad y para el reconocimiento oficial de las comunidades por parte del INCRA, acto que permite el proceso de regularización de tierras. El objetivo principal de este artículo es reconocer el patrimonio cultural del Quilombo de Nazaré a través del análisis del paisaje. Para ello, utilizamos recorridos realizados por el territorio quilombo y registros fotográficos. Las fotografías se utilizaron para registrar el patrimonio identificado a lo largo del recorrido por el territorio. El conjunto fotográfico recogido durante el recorrido contradice los discursos eurocéntricos de la posmodernidad sobre la globalización y la supuesta pérdida de identidad y marca la existencia de una historia tanto a través de las construcciones como del significado interpretativo que se le da al paisaje.

Palabras clave: quilombo; identidad cultural; paseo por los sitios quilombolas; fotografía en quilombos.

INTRODUÇÃO

As casas de taipa, os quintais, os equipamentos de produção e as riquezas naturais fazem da paisagem do Quilombo de Nazaré, localizado no Estado do Ceará, região do nordeste brasileiro. De acordo com Santos (2020) paisagem é um conceito geográfico referente ao domínio do visível, sendo um conjunto de formas que expressam a herança das relações entre os seres humanos e a natureza, de modo a formar e transformar o espaço ao longo da história.

A paisagem, portanto, é uma manifestação concreta e visível de processos históricos e sociais. Nessa paisagem figuram elementos construtivos, a exemplo partes das edificações que traduzem as formas de

construção e conhecimento, também as plantas e os seus usos que são parte da herança africana reelaboradas na realidade brasileira. As casas de taipa, os equipamentos de produção, os quintais e os elementos naturais constituintes das paisagens fazem parte do patrimônio material da comunidade do Quilombo de Nazaré, os quais foram registrados em fotografia pelos autores e comentadas as questões tecnológicas e sociais da vida nessa comunidade.

Utilizando-nos da metodologia dos percursos urbanos (Silva; Silva; Cunha Junior, 2022), adaptada ao território rural e apresenta-se nesse artigo a identificação e registros do patrimônio cultural material da comunidade do quilombo de Nazaré.

Quilombos são sociedades rurais e também urbanas remanescentes de populações negras que se libertaram do escravismo criminoso e constituíram comunidades livres e autônomas dentro do sistema de dominação imposto pelo império português e depois pelo império brasileiro. Utilizamos o conceito de escravismo criminoso para evidenciar a natureza de extrema violência que foi o sistema de encarceramento das populações que migraram forçadamente para o território brasileiro (Cunha Junior, 2023). As formas de revolta e luta contra o escravismo criminoso foram muitas e os quilombos representam uma das mais persistentes, visto que existiram nas diversas partes do território nacional e ainda em todos os países das Américas onde houve escravismo criminoso. Os quilombos permanecem até os dias atuais e enfrentam o sistema de capitalismo contendo racismo estrutural (Cunha Junior, 2008). Na atualidade os grandes enfrentamentos são a luta pela propriedade da terra, pelos direitos humanos e pela sobrevivência digna.

Como resultado da luta dos movimentos negros a Constituição Brasileira de 1988 reconheceu a existência de quilombos no Brasil na categoria de comunidades tradicionais. Foram os quilombos atuais conceituados como remanescentes dos primeiros quilombos e foi previsto o reconhecimento de propriedade definitiva das terras ocupadas, cabendo ao Estado emitir a titulação das terras (Brasil, 1988, Art. 68).

Entretanto a legalização da posse da terra passa por etapas, a saber, o reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo e depois pela titulação da terra, processo longo, polêmico e que depende de um laudo antropológico emitido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O laudo antropológico consiste num levantamento histórico e territorial da existência centenária da comunidade. Neste laudo são importantes as questões da cultura e da identidade da comunidade. Portanto, do acervo de patrimônio cultural das comunidades quilombolas, as produções das moradias,

os quintais, os instrumentos produtivos e os elementos naturais levam e/ou colaboram para o reconhecimento da posse da terra.

A principal finalidade deste artigo é o reconhecimento do patrimônio cultural do Quilombo de Nazaré através da análise da paisagem. Para tanto, realizamos percursos pelo referido Quilombo, buscando alcançar a essência social presente na paisagem. Nesse sentido, trabalhamos com a fotografia, tendo em vista, conforme aponta Simeão e Torezan (2007) que ela desempenha um papel importante por ser um documento em si e por propiciar análises que levam a possibilidade de explicações do contexto histórico geográfico, como também do significado para comunidade de cada lugar e dos bens ali registrados.

A fotografia possibilita que o leitor proponha questões, explicações, reviva experiências passadas e adquira conhecimento sobre vivências de outras pessoas (Felizardo; Samain, 2007), tornando-se assim fundamental para a preservação e formação de memórias e nesse caso, estando também implícita parte da identidade quilombola.

Utilizamos da fotografia como forma de documentar o percurso geográfico realizado, registrar as observações, fatos e imagens que caracterizam um conjunto de ideias da identidade quilombola dentro do conjunto de fatos cotidianos que demarcam aquele território. Ressaltamos que as vivências cotidianas caracterizam o território.

O inventário de patrimônios tem importância porque através dele a comunidade apresenta-se, reforça os seus laços de identidade, fornece rico material para os processos de educação, promove recapitulações da memória e fornece uma base documental para a história local.

Reconhecer o patrimônio é reconhecer a produção da identidade de uma localidade (Serres; Azevedo, 2021). Sendo que a identidade pode estar associada a diversos fatores a exemplo, os lugares de memória, acidentes geográficos, as formas de trabalho e produção predominantes. Quanto aos aspectos jurídicos, a importância do reconhecimento do patrimônio e da identidade do quilombo está associada ao reconhecimento do direito à terra nos processos de titulação fundiária. Também a identidade e o patrimônio são elementos fundamentais da educação quilombola visto que identidade encerra uma poética que é a do bem querer a localidade, de sentir-se em casa e ter amor às peculiaridades do lugar. Dentro do processo de educação em quilombos é altamente recomendável a Educação Patrimonial como forma de reforço da identidade coletiva (Tolentino, 2013).



Patrimônio material e imaterial se encontra bem definido do ponto de vista conceitual na literatura implicando em diversos problemas do ponto de vista prático do uso do conceito, tais como o registro daquilo que é significativo para uma comunidade e as implicações do reconhecimento dos bens patrimoniais culturais. O patrimônio cultural uma vez reconhecido implica na contrapartida de direitos sociais, culturais, políticos e econômicos (Gonçalves, 2003; 2005).

A importância de um patrimônio cultural sempre é subjetiva, pois o que é relevante e dentro de uma comunidade não é um bem universal e sim um bem localizado, de afeto da comunidade, portanto particular, sendo que por vezes quem está realizando os registros nem sempre os considera como importante.

Vale a pena ressaltar que utilizamos da metodologia dos percursos urbanos, adaptada ao espaço rural, visto esta ser um dos “caminhos traçados de forma sistemática no espaço da cidade ou do campo, com a finalidade de aqumbarcar as experiências cotidianas dos lugares, suas materialidades e imaterialidades sociais”. Trata-se de uma técnica de estudo de reconhecimento das africanidades dos lugares, sendo o lugar um conceito geográfico que permite entender especificidades culturais, a organização espacial, econômica e social tendo o sentimento de pertencimento como instrumento (Silva; Silva; Cunha Junior, 2022, p. 2).

Os percursos realizados no quilombo em questão nos permitiram realizar a construção de um mapa mental descritivo da localidade corroborando para diversos aprendizados sobre a mesma. Partimos da entrada do quilombo e nos dirigimos até a localização da última casa. Percebemos que a paisagem é constituída, sobretudo, de casas de taipa, quintais, instrumentos de produção e elementos naturais.

Ainda nesse artigo apresenta-se alguns conceitos para facilitar o entendimento do percurso realizado, a localização geográfica do quilombo, o conceito de quilombo, as problemáticas gerais dessas comunidades na atualidade, os conceitos de identidade quilombola, discorremos sobre a importância do patrimônio e por fim fotografias do percurso.

Salientamos que este artigo é uma versão atualizada de um dos capítulos da tese de doutoramento de Marlene Santos defendida no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará no ano de 2020 (Santos, 2020). Trata-se de um trabalho de pesquisa que se enquadra no campo do pensamento pan-africanista, desenvolvendo os conceitos de africanidades e afrodescendência.



Através da análise do material fotográfico recolhido discorreremos sobre as representações que registramos e sua representatividade na identidade quilombola.

Localização do quilombo de Nazaré

A pesquisa realizada trabalha com os conceitos de população negra, quilombo, identidade quilombola, escravismo criminoso, racismo antinegro estrutural e capitalismo racistas. Consideramos a população negra os descendentes de africanos denominados no censo brasileiro como pretos e pardos. Utiliza-se a categoria população no sentido utilizado pela geografia, como habitantes de um território (Silva; Nunes; Cunha Junior; Florêncio, 2021). Quilombos, como territórios de populações negras que na luta contra o escravismo criminoso produziram comunidades de seres livres (Cunha Junior, 2023). A terminologia escravidão, faz parte da história do Brasil produzida pelos grupos dominantes e tornou-se naturalizada deixando de expressar a realidade de graves fatos históricos ficando como parte da normalidade da história nacional. Com vistas a desnaturalizar o termo, é que na produção de uma nova semântica para narrativa da história na perspectiva da população negra nos referimos a “escravismo criminoso” (Cunha Junior, 2023). Expressando assim a nossa visão sobre os processos da história do Brasil comandados pelos europeus quanto à ocupação e exploração do território brasileiro. Também consideramos os africanos como colonizadores do Brasil na mesma perspectiva do intelectual Manuel Quirino (Quirino, 1918), ou seja, entende-se que colonizar é habitar, transferir e adaptar conhecimentos. Quanto ao argumento dos africanos como colonizadores do Brasil, destacamos o acerto tecnológico africano empregado pelos africanos durante o escravismo criminoso nas áreas da agricultura, pecuária e mineração (Cunha Junior, 2010) e produção da cultura na sociabilidade, nas expressões artísticas e na literatura nacional com fortíssima predominância das heranças africanas.

No passado as populações negras dos quilombos lutaram contra o escravismo criminoso e no presente continuam na luta contra o racismo antinegro estrutural (Cunha Junior, 2008). Quanto ao conceito, Racismo antinegro, este configura-se em um sistema específico projetado para dominação sobre a população negra, portanto racismo como sistema de dominação e não apenas de ódio entre raças, e estrutural pois perpassa a construção de todas as instituições brasileiras (Cunha Junior, 2008).

O quilombo de Nazaré localiza-se no Distrito de Arapari, Município de Itapipoca, distando cerca de 130 km de Fortaleza, capital do Estado do Ceará. O clima da localidade é temperado relacionado com o relevo de serra que

apresenta entre 640 a 750 metros de altitude, encontrando-se a 13 km da Sede Municipal (Itapipoca). Esta região, onde hoje se encontra a Comunidade Quilombola de Nazaré, foi ocupada por portugueses e por quilombolas desde o século XVIII, estes apresentados nas notícias de jornais da época como fugitivos (Santos, 2020).

A geografia da localidade apresenta altitudes elevadas para os padrões do Nordeste brasileiro, topografia acidentada devido ao relevo serrano (ver Figura 1) e vegetação densa e de difícil acesso, fato circunstancial para a manutenção das atuais condições de vida dos moradores locais (Santos, 2020). No presente, a acessibilidade ainda é laboriosa, pois não são todos os veículos que conseguem realizar o percurso; alguns deles foram adaptados para realizar o transporte de pessoas.

Figura 1: Relevo serrano



Fonte: Autores (2017).

A comunidade quilombola é formada por aproximadamente 51 famílias e reúne cerca de 280 pessoas, entre crianças, jovens e adultos. A comunidade teve início ainda no período das invasões europeias no Brasil. Segundo os mais velhos da localidade, acredita-se que o nome da comunidade, Nazaré, tenha influência da religiosidade cristã.

A comunidade quilombola de Nazaré foi certificada pela Fundação Cultural Palmares, órgão do governo brasileiro, como Comunidade Remanescente de

Quilombo, em 26 de novembro de 2007 e ainda aguarda a titulação definitiva das terras.

As 51 famílias que formam a comunidade vivem em sua maioria da agricultura de subsistência, criação de pequenos animais, extrativismo vegetal e prestação de serviços para proprietários de sítios na região. Residem na localidade há quatro gerações e constituem sua organização social com fundamento nas relações de parentesco, manifestações religiosas e criação das associações de moradores e quilombolas, garantindo assim a permanência no território tradicionalmente ocupado (Santos, 2020).

Paisagem do quilombo: casas de taipa, quintais, equipamentos produtivos e elementos naturais

A encruzilhada do Afro patrimônio cultural é o ponto de encontro do quilombo e dos patrimônios culturais. O termo encruzilhada dentro do candomblé é visto como um ponto de cruzamento de caminhos, ideias e problemas. Na encruzilhada se põe os questionamentos da sociedade sobre diversos fatores sociais. Quilombo e patrimônios podem ser vistos como uma encruzilhada histórica em função dos questionamentos práticos que surgem da aplicação dos conceitos. Primeiro, que o quilombo por si só é um patrimônio cultural de natureza tanto histórico quanto geográfico. Os patrimônios produzidos pelos quilombos sofrem muitos questionamentos externos devido ao potencial social, político e cultural que implica no reconhecimento dos patrimônios afros dentro de uma comunidade de quilombo. A encruzilhada também como encontro de caminhos da cultura material e imaterial. O quilombo que produz a cultura quilombola e as culturas quilombolas que produz o patrimônio.

Tanto quilombo como patrimônio (Patrimônios afro? Porque anteriormente dissemos que o quilombo em si já é um patrimônio), valores das comunidades negras, são dois conceitos tratados na cultura brasileira com muitos questionamentos pois são considerados valores de difícil reconhecimento devido ao racismo antinegro que tende a desvalorizar todos os feitos das populações negras. Por outro lado é o patrimônio por sua vez, que produz a identidade quilombola e forma a cultura local, apesar de os conceitos de identidade cultural ainda apresentam dificuldades em serem socialmente aceitos.

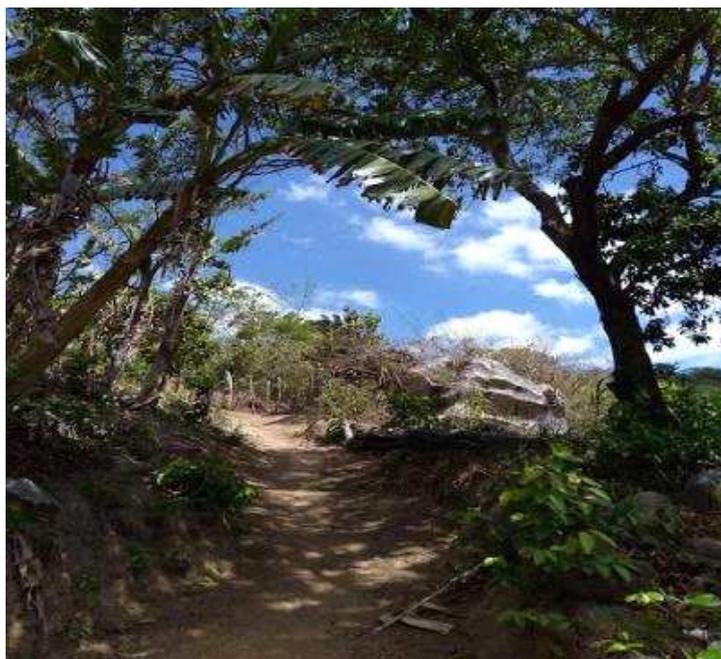
A encruzilhada também se forma em torno do conceito de identidade, outro conceito que na contemporaneidade sofre muitos ataques e questionamentos em função das ideias de globalização das economias e informatização das sociedades (José Koltz; Rodrigo Pinheiro, 2020).

Na proporção de quilombo e patrimônio, estamos diante do questionamento do ovo e da galinha, quem apareceu primeiro, o ovo ou a galinha? Quem produz quem? O quilombo cria o patrimônio ou o patrimônio cria o quilombo? Temos que lembrar que a própria instalação do quilombo gera um patrimônio cultural, sendo que se constrói o território a partir do patrimônio passado. Quando o quilombo se implanta está sendo produzida uma história que contém memórias históricas e que produz fatos que alteram a paisagem. Portanto, cria um valor histórico e geográfico considerado patrimônio cultural.

Para estudar a comunidade quilombola de Nazaré, realizamos percursos que nos propiciaram conhecer os modos de vida da comunidade, sua cultura e patrimônio cultural. Para chegar ao quilombo, o meio de transporte usado foi o caminhãozinho “pau-de-arara”, designação dada a veículos precários para transporte de pessoas, mototáxi e “moto particular”, moto designando motocicletas. O caminho é perigoso, estrada estreita e acidentada, a serra possui curvas acentuadas e precipícios, pelos quais é preciso passar para adentrar no quilombo.

Apesar da precariedade de acesso ao quilombo de Nazaré, no caminho se percebe a riqueza da vegetação (ver Figura 2) e a beleza e variedade de paisagens. Uma aventura de conhecimento, que nos permite imaginar o quilombo e os quilombolas no passado e conhecê-los hoje.

Figura 2: Caminhos do Quilombo



Fonte: Autores (2017).

Ao chegar ao topo da serra onde se localiza o quilombo, o transporte vai até as primeiras casas, o restante do trajeto para chegar à maioria das casas, cerca de 2 a 3 km, é realizado a pé. Uma caminhada que se for realizada durante o dia enfrenta-se o calor do sol escaldante e temperaturas de até 31 graus Celsius e se for à noite enfrenta-se algumas dificuldades, a exemplo, escuridão. Enfim um percurso sujeito a veredas escuras, estreitas, cheias de pedras, barros, mato e árvores.

O quilombo de Nazaré tem logo na entrada um campo de areia, uma área muito bonita, com árvores, plantação de cana-de-açúcar e bananeiras, uma casa de farinha e um engenho, estes funcionam uma vez ao ano. Andando mais um pouco avistamos, em um alto, uma casinha que funciona às vezes como igreja, no decorrer da semana como escola de Educação Infantil e em outros momentos necessários, como salão de reunião e atividades culturais.

Percebe-se que mesmo quem habita a comunidade sente dificuldades no dia a dia tais como, locomoção dentro quilombo, deslocamento para a área urbana do município, a falta de água encanada nas residências, falta de terra para produção e para construção de moradia, desemprego, falta de escolas e estrada sem manutenção. E ainda, a falta de implantação de programa saúde para população negra local.

A chegada no quilombo é marcada por um campo de futebol e deste partem os diversos caminhos que cruzam o espaço geográfico considerado de pertencimento dessa população local. Saindo do campo de futebol segue-se por veredas, ou seja, por caminhos estreitos por dentro da vegetação para adentrar nos espaços das casas e plantações da comunidade, só assim se pode chegar onde mora a maior parte das famílias do quilombo. Não existem arruamentos ou estradas entre as diversas casas e roças desse quilombo.

Entrando pelas veredas, passando pelas primeiras casas, temos longos caminhos, marcados pela existência de um pequeno canavial (ver Figura 3), um campo de futebol, além de uma flora exuberante.

Figura 3: Canavial



Fonte: Autores (2017).

Chega-se então a um conjunto de casas que formam pequenos núcleos isolados (ver Figura 4), tendo nos seus entremeios áreas de trabalho e de produção, além de um grande número de casas de taipas (ver Figura 5). A organização do espaço de cada núcleo tende a ser quase que circular, sem muros para delimitar o espaço de uma família com relação às demais. O material da construção é colhido na natureza e a mão de obra é dos próprios

moradores. As técnicas construtivas são de conhecimento geral de quase todos, visto que durante a construção a comunidade local forma uma espécie de mutirão para realizar a edificação.

Figura 4: Núcleos isolados



Fonte: Autores (2017)

Figura 5: casas de taipa



Fonte: Autores (2017)

As construções em taipa formam um conjunto construtivo tradicional, observando o uso da pedra, da argila misturadas como aditivos como palha e estrume de animais. Os esteios são feitos de madeiras específicas devido a resistência e a cobertura de telha ou de palha. As construções do quilombo seguem os métodos construtivos empregados nas áreas africanas no passado que segundo Weimer (2020), as construções em taipas são edificações habituais entre os bantu. Ressalta-se que os europeus tiveram contato com as construções de taipa de mão no Brasil, através do trabalho realizado pelos africanos e descendentes. Até então, na Europa, só se via a taipa de pilão, originária do norte da África.

No Brasil, existem duas variedades de taipa: a taipa de mão e a taipa de pilão. De acordo com Cunha Junior (2010, p. 29):

A taipa de pilão, utilizada para alicerce e para paredes, se produz da massa de terra crua socada como no pilão. À massa de terra crua se acrescentam esterco animal, fibras vegetais, óleos e sangue de animais. Estes são emparelhados em formas de madeiras de onde vem o nome de taipa. A taipa de mão é uma versão mesmo elaborada e menos trabalhosa da taipa de pilão. Esta também recebe o nome de “pau a pique”. Sobre a trama de galhos de árvores amarrados com arame, cipó ou fibra vegetal, é aplicada massa igual à da taipa de pilão, mas com a mão tendo uma menor compactação.

Esse tipo de construção tem sido modernizado e valorizado pelas qualidades de sustentabilidade. Sendo também casa de um bom conforto térmico quando comparadas às construções em blocos, dessa forma “além da melhoria da qualidade construtiva, a técnica, que chamamos de Taipa Renovada, oferece ótima resposta quanto ao conforto termo-acústico, é ecologicamente correta, já que não utiliza combustão para a queima de tijolos e não oferece resíduos industriais” (Cunha Junior, Ramos, Cruz, 2005, p. 6)

Então quilombozando, um termo criado na nova semântica para definir a vivência dentro do quilombo, percorrendo a comunidades, observando, conversando com os moradores do local, percebe-se explicitamente que a comunidade ainda mantém a tradição, ou seja, seus hábitos antigos juntos aos novos, no seu modo de viver, mesmo hoje, pois pode se dizer que o moderno e o tradicional estão juntos. Um pouco do quilombo do passado junto ao quilombo de hoje, a exemplo, os caminhos por onde os quilombolas andam para chegarem em suas casas continuam sem luz elétrica, apesar de que nas casas já há energia elétrica. Como no passado os quilombos eram lugares no mato, esse ainda continua nos caminhos do quilombo de Nazaré.



Andando pelas veredas, por dentro da vegetação, fomos conhecendo o patrimônio natural, o patrimônio cultural imaterial do quilombo pois no quilombo, ainda o modo do viver está em sintonia com a terra e seus elementos da natureza, com o aproveitamento dos recursos hídricos das fontes e pequenos córregos. À moda antiga, algumas casas têm o banheiro isolado, fora da casa e feito de palha. Em algumas casas há fogão a gás, mas também prevalece o fogão a lenha e até pessoas que ainda fazem trempe, que é uma espécie de fogareiro no chão para cozinhar. As casas estão passando por renovações e apresentam partes de taipa e partes em alvenaria de tijolo ou renovações em alvenaria, por exemplo apresentam colunas de cimento. As roupas são estendidas em varais nos quintais abertos.

Ainda há também algumas casas, que são construções novas, feitas com tijolos, cimento e telhas industrializadas (ver Figura 6). As casas do quilombo apresentam aspectos da cultura do quilombo, uma cultura que é importante para a afirmação do afro pertencimento dos quilombolas.

Figura 6: Casa de tijolo



Fonte: Autores (2017).

Salienta-se que apesar dos quintais sem muros, percebe-se as ligações e os limites territoriais de cada casa, embora essas, não tenham muros, cada morador sabe até onde vai seu espaço e onde começa o do vizinho.

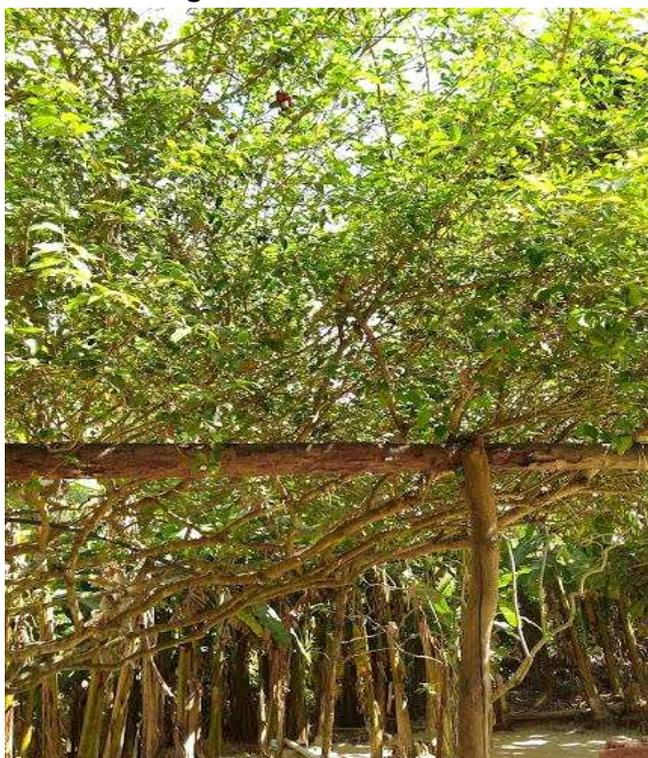


Observa-se também que as pessoas têm livre passagem e comunicação através dos quintais, cercados pelos arbustos, árvores e demais plantas que cada morador cultiva em seu quintal e também no terreiro à frente de suas casas.

Encontra-se nos quintais do quilombo árvores frutíferas, como plantação de acerola e bananeiras em um quintal que inclusive é também parte do caminho por onde se caminha para chegar em outras casas no quilombo.

Chamamos a atenção, que em alguns quintais de casas sem muro, são quintais produtivos os quais possuem uma parte com cerca de arame para evitar que animais entrem em contato com as plantações. As paisagens se completam com os quintais e os caramanchões, que são estruturas de madeira sobre as quais crescem plantas trepadeiras criando ambientes de sombra (ver Figura 7).

Figura 7: Caramanchões



Fonte: Autores (2017).

A paisagem, em todo percurso, é um componente importante pela variedade de aspectos presentes. As plantações de árvores frutíferas e a serra com matas naturais são constantes, parte do patrimônio cultural do quilombo.

CONCLUSÃO

A sociedade do século XXI está passando por transformações rápidas e diversas em função dos grandes fluxos de informações, pessoas e produtos, assim como dos meios de comunicação. As informações diversas e massivas, dentro das denominadas redes sociais alteram os comportamentos e as sociedades com grande rapidez. A sociedade da informação, como foi definido o século XX e as teorias acadêmicas trataram os fenômenos sociais, como globais, abarcando todas as ordens da sociedade. Teóricos propagaram a ideia da pós-modernidade, da mundialização e globalização dos costumes. Neste artigo criticamos indiretamente essas posturas, visto que comprovamos que a pós-modernidade e seus supostos hábitos não foi acessível a todas as pessoas e não na mesma proporção para todas as sociedades. A ciência do século XXI vem passando por diversas modificações e desacertos com novas rupturas conceituais, teóricas e exercícios de novos paradigmas, algumas de foco humanistas e fenomenologistas. Este artigo se enquadra nesse campo, fazendo uso de conceitos do pan-africanismo, das africanidades e afrodescendência. A casa de taipa e os quintais com árvores frutíferas, característicos dos quilombos e da cultura quilombola fazem parte da africanidade remanescente na sociedade brasileira. Marcam uma identidade quilombola e também fazem parte do patrimônio dessas comunidades. Sendo que cada casa e cada quintal retêm as suas características próprias e as suas singularidades.

O percurso é uma boa forma de análise e os resultados são bastante sugestivos para diversos aprendizados e discussões sobre os fazeres e modo de viver numa sociedade tradicional, que por sua natureza está dentro e fora dos moldes que imaginamos o capitalismo globalizado, ou seja, não existe ali, pós-modernidade, mesmo que os membros estejam conectados às redes de informação e inseridos no sistema capitalista. As especificidades persistem, resistem e as comunidades tradicionais se renovam, compatibilizando o velho e o novo. Os patrimônios culturais que foram registrados neste artigo, resultantes dos percursos realizados, compõem um acervo que permite uma boa abordagem sobre a produção das identidades das comunidades quilombolas.

A casa de taipa é uma boa solução tecnológica com relação ao conforto térmico e às condições econômicas, configurando-se em um método de

construção a ser preservado e desenvolvido. Necessitando de novos aportes da ciência no sentido da solução de alguns problemas existentes mas, é uma tecnologia boa e sustentável da mesma forma os quintais com hortas, plantas medicinais e árvores frutíferas são campos de informações e conhecimentos variados, a saber como se planta, cultiva e utiliza as espécimes existentes naquele lugar.

Esse artigo contribui para evidenciar uma realidade diversa e responder a questionamentos da sociedade em geral sobre a existência e importância desses grupos sociais.

O uso da metodologia do percurso e de registros fotográficos produzem e reproduzem paisagens que podem ser acervos para um conjunto de diversos conhecimentos, inclusive como produção de acervos para demais estudos e ainda há o aspecto estético do material reconhecido que informa o campo visual sobre essas existências.

REFERÊNCIAS

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 12 mai 2025.

Cunha Junior, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: Edições do Centro de articulação de Populações Marginalizadas - CEAP, 2010.

Cunha Junior, Henrique. Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras. **Política Democrática** (Brasília), v. 7, p. 118-127, 2008.

Cunha Junior, Henrique. O escravismo criminoso no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**. 2023.

Cunha Junior, Henrique; Ramos, Maria Estela Rocha; Cruz Norval. **Projeto Centro de Cultura na Comunidade Rural Negra de Bom Sucesso**-Município de Novo Oriente-Ceará.II ENEDS Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 16 e 17 de Novembro de 2005.

Felizardo, A., Samain, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, 3(3), 205–220, 2007.

Gonçalves, José Reginaldo. **O patrimônio como categoria de pensamento**. In: Abreu, Regina; Chagas, Mario (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio, 2003. p. 21-29.

Gonçalves, José Reginaldo. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.

José Kotz, L.; Rodrigo Pinheiro, J. A questão da identidade na contemporaneidade. **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 6, n. 6, 2020. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/18577>. Acesso em: 14 maio. 2025.

Quirino, Manuel. **O colono preto como fator da Civilização Brasileira**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1918.

Santos, Marlene Pereira dos. **Tecendo africanidades como parâmetros para educação quilombola e do campo**. Fortaleza: Tese de doutoramento em Educação. Universidade Federal do Ceará. 2020.

Serres, Leandro de Almeida Serres; Azevedo, Domingos Sávio Campos de. Patrimônio, identidade e memória: A educação patrimonial como ferramenta de valorização da cultura imaterial local. **Revista de Estudos Interdisciplinares**. v.3, n.1, jan-fev., 28-28, 2021.

Silva, M. M, Silva, Rafael Ferreira da, Cunha Junior, H. Percursos urbanos como método de reconhecimento do patrimônio cultural negro. **Revista Cocar**. V .16, n.34/2022, p. 1-18.

Silva, Meryelle Macedo da; Nunes, Cicera; Cunha Junior, Henrique; FLORENCIO, Thiago de Abreu e Lima. O ensino de geografia e a apreensão do patrimônio afroarquitetônico no Cariri cearense. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 39, n. 4, p. 1-20, out./dez. 2021.

Simeão. E.L.M.S.;Torezan, I. M. V.; **Fotografia e informação: Aspectos gerais de análise e indexação da imagem**. Brasília: UNB, 2007. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/900051>. Acesso em: 11 mai. 2025.

Tolentino, Atila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); João Pessoa: Iphan, 2013. – (Caderno Temático; 3).**

Weimer, Gunter. Arquitetura popular afro-brasileira. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, p. 291-316, Edição Especial Dossiê Patrimônio e Culturas Tradicionais, 2020.

Submissão em 17 de fevereiro de 2024.

Aceite em 26 de junho de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido



*O reconhecimento do patrimônio cultural do quilombo de Nazaré-CE
através da análise da paisagem*

crédito pela criação original. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>